A watercolor illustration of a tree canopy, viewed from below, with a light blue sky in the center. The leaves are painted in various shades of green, and the branches are dark brown. The overall style is soft and artistic.

EDUCANDO NA NATUREZA

ecofuturo



ecofuturo

ecofuturo.org.br

FICHA TÉCNICA

Organização: Instituto Ecofuturo

Coordenação: Michele Martins

Apoio conceitual: Juliana Coutinho e Paula Dourado

Texto: Sibélia Zanon

Revisão de texto: Clecy Bortolon

Ilustração: Paloma de Farias Portela

Artes das crianças que participaram do *Programa Meu Ambiente*

Projeto Gráfico: Soma palavra e forma

Impressão: Centrográfica

São Paulo • 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zanon, Sibélia

Educando na natureza / Sibélia Zanon; [organização Instituto Ecofuturo; coordenação Michele Martins; ilustração Paloma de Farias Portela]. – 1. ed. – São Paulo: Ecofuturo, 2018. [livro eletrônico]

ISBN 978-85-60833-26-9

1. Atividades estudantis 2. Educação ambiental 3. Educação ambiental - Pesquisa 4. Educação ambiental - Programa Meu Ambiente - São Paulo (SP) 5. Estudos ambientais 6. Homem - Influência na natureza 7. Meio ambiente I. Instituto Ecofuturo. II. Martins, Michele. III. Portela, Paloma de Farias. IV. Título.

18-16219

CDD-304.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Educando na natureza: Educação ambiental 304.2

EQUIPE ECOFUTURO

Presidente do Conselho Superior

David Feffer

Presidente do Conselho Diretor

Daniel Feffer

Superintendente

Marcela de Macedo Porto Mello

Diretor de Sustentabilidade

Paulo Henrique Groke Junior

Meio Ambiente

Alexandre Oliveira da Silva

Cleia Marcia Ribeiro de Araújo Sousa

David de Almeida Santos

Fernando Souza de Faria

Juvenil Vitoriano de Jesus

Marcelo Lemes de Siqueira

Marcelo Rogério Sant'Ana

Marcos José Rodrigues Prado

Maurício Rodrigues Prado

Michele Cristina Martins

Raquel Coutinho

Ricardo Silva de Souza

Comunicação

Paula Dourado

Educação e cultura

Vanessa de Jesus Espindola

Administrativo e Financeiro

Bianca Correa

Renato Guimarães de Oliveira

Mantenedora



EDUCANDO NA NATUREZA





ÍNDICE

Introdução	7
O ser natureza	11
Um rio de percepções	25
Saberes da terra	37
A cor da palavra	49
Convite ao voo	61

INTRODUÇÃO

“Tratem as pessoas como se elas fossem o que poderiam ser e você as ajudará a se tornarem aquilo que são capazes de ser.”

Johann Wolfgang von Goethe

INSTITUTO ECOFUTURO é uma organização sem fins lucrativos, criada e mantida pela *Suzano Papel e Celulose*, que contribui para transformar a sociedade por meio da conservação ambiental e promoção de leitura.

Mantém, desde 1999, projetos que contribuem para o fortalecimento da prática de leitura, universalização de bibliotecas, e pela conservação do meio ambiente, atuando ainda como articulador entre a sociedade civil, o poder público e o setor privado.

Situado nos municípios de Mogi das Cruzes e Bertioga, em São Paulo, o *Parque das Neblinas*, gerido pelo Instituto Ecofuturo, contribui para a proteção do maior contínuo de Mata Atlântica do Brasil, o Parque Estadual da Serra do Mar e a Serra de Paranapiacaba.

Com 6 mil hectares, o *Parque* conserva a bacia do rio Itatinga, abriga mais de 1.250 espécies e promove pesquisa científica, manejo florestal, educação socioambiental, proteção da biodiversidade, restauração da Mata Atlântica e visitação. Esse

Oportunizar encontros com a natureza é abrir uma porta para o encantamento, que conduz a um novo entendimento de mundo.

espaço privilegiado que acolhe visitantes, vizinhos, pesquisadores, educadores e alunos é reconhecido como Posto Avançado da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo, pelo Programa Homem e Biosfera, da UNESCO.

Entre as ações de Educação Socioambiental desenvolvidas pelo Instituto Ecofuturo está o *Programa Meu Ambiente*. O *Meu Ambiente* teve início em 2010 para o atendimento de professores e alunos da rede municipal de ensino. Tendo a natureza como educadora, o *Programa* proporciona uma vivência que se desdobra em diversas fases e convida a uma experiência de integração, oportunizando que cada participante se reconheça como parte de um ciclo contínuo e interdependente de vida, que tudo envolve e abriga.

Para que uma experiência direta na natureza seja vivenciada em toda a sua potencialidade, ela é precedida de uma abertura de sentidos, do despertar da curiosidade e do entusiasmo. Nesta fase, que pode ser chamada de *pré-vivência*, são os educadores que conduzem atividades que sensibilizam e evocam o interesse por temas que permearão a vivência na natureza.

Oportunizar encontros com a natureza é abrir uma porta para o encantamento, que conduz a um novo entendimento de mundo. Quando conhecemos a natureza, nós nos responsabilizamos pelas relações que tecemos com ela e com o outro porque reconhecemos as conexões existentes entre todos os seres vivos.

Ao longo da vivência direta todos têm a oportunidade de experimentar o seu corpo em contato com o corpo da natureza: sentir a textura ao subir numa árvore, o frescor da sombra, o movimento das águas, o cheiro da mata úmida, o vento no rosto ao correr livremente, e o impacto de seus passos sobre as folhas secas. Ninguém fica indiferente.

É pela porta de entrada dos sentidos que desenvolvemos o apreço e o entendimento de que estamos todos interligados numa teia, cujos fios, quando tocados, reverberam a intensidade e intenção do toque por toda a sua extensão, atingindo a todos.

Após a vivência na natureza, o *Meu Ambiente* propõe a *pós-vivência*, fase em que os educadores estimulam a expressão daquilo que foi vivido de forma individual ou coletivamente. Diversas podem ser as ações, tais como: roda de conversa, elaboração coletiva de painel, recorte e colagem, registro de sentimentos despertados na natureza, expressões corporais, entre tantas outras.

Partilhar o que foi vivido é uma forma de fazer da vivência algo transformador, não apenas para quem viveu, mas para todos os que reconhecem as pegadas que aquela experiência significativa deixou na vida dos participantes.

Vivenciar o ambiente natural contribui para o desenvolvimento físico, mental e emocional, traduzindo-se na proteção de todo tipo de vida e na ampliação da qualidade de vida. A natureza nos inspira a experimentar uma forma potente de relação com o próximo, e a participar de forma mais ativa de processos de transformação para construirmos coletivamente o mundo que queremos ter.





O SER NATUREZA

NA MEDIDA em que a manhã ganha corpo, a névoa se faz presente, passeando pelo topo das montanhas. Ela tem uma história a contar: a floresta respira. Eu também respiro e o perfume do lírio-do-brejo não me deixa negar. Na estradinha que leva ao *Parque das Neblinas*, as flores brancas se apresentam pelo aroma antes mesmo de se fazerem reconhecer pelos olhos.

Ter a natureza como educadora pode ser uma experiência transformadora, que começa com o despertar da curiosidade e segue adiante com muitas descobertas sobre o ambiente natural, sobre si mesmo e sobre o outro. Mas, antes de entrarmos definitivamente nesta trilha de experiências significativas, podemos começar fazendo algumas perguntas...

Para que serve uma vivência ao ar livre? Qual a importância do encontro entre seres humanos e natureza? Por que a natureza? A proposta das páginas que vêm pela frente é expandir um pouco essas perguntas e levá-las para bem perto de cada um de nós.

"Precisamos resgatar o prazer profundo e o sentido de nossas ações cotidianas, e fazer da natureza a nossa principal mestra, nos indicando os caminhos pelos quais a força da vida possa se expressar com delicadeza e potência."

Rita Mendonça

Você tem memórias de um perfume de flor?

Você tem memórias de brincar num quintal?

E de colher uma fruta do pé?

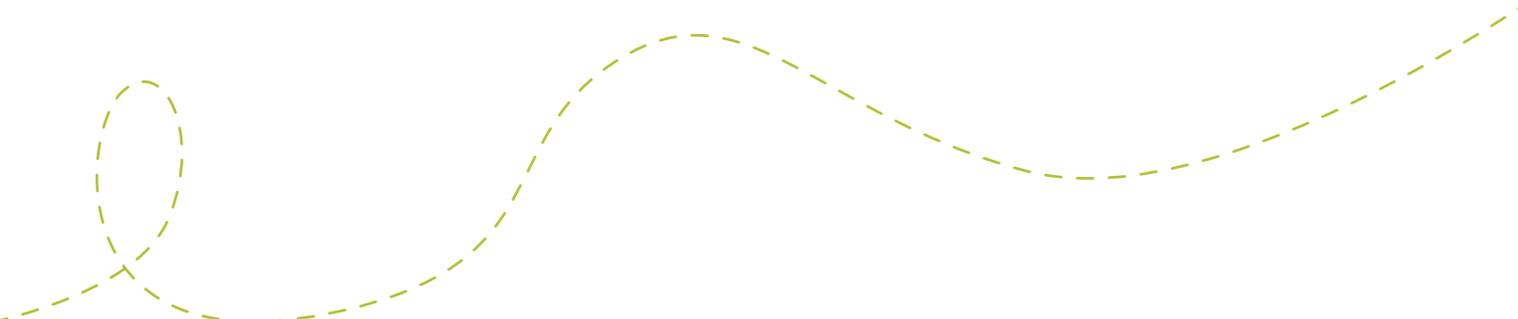
Você tem memórias da água grande: o primeiro banho de mar, brincadeiras no lago, um passeio no rio?



"Criança, vivia solto, explorando as matinhas e nascentes próximas. Qualquer lugar ao ar livre era sala de aula natural à espera de seus curiosos alunos. E, como alunos aplicados, nos empenhávamos na matéria e voltávamos sujos e cansados para o banho, jantar, um pouco de tevê e cama."

Paulo Groke – Diretor de Sustentabilidade do Ecofuturo

Muitas vezes, as memórias ligadas à natureza moram feito semente dentro de cada um de nós. Podem ser sementes adormecidas ou sementes-broto, planta rasteira,



arbusto ou até árvore crescida, mas sempre sementes com grande potencial. Dessas memórias ecoam paz, alegria e conexão com o eu interior.

Isso acontece porque as atividades em ambiente natural têm o potencial de construir uma passagem direta até o coração. Uma passagem que pode começar com o perfume do lírio-do-brejo, com a música de um pássaro, com o sabor do cambuci, com uma roda de conversas ou uma caminhada de silêncios ao ar livre.

Natureza é nutrição. Ela restaura, pacífica, aguça a potência imaginativa, contribui para o equilíbrio interno, colabora para o desenvolvimento, reequilibra a nossa humanidade.

Mas...

Eu não moro perto do *Parque das Neblinas*.

Eu nunca entrei numa floresta.

Eu nunca cheirei o lírio-do-brejo.

Não tem nenhum parque perto da minha casa.

Na nossa escola não tem árvores.

Não tem problema...

Esta conversa ainda é com você!

“Quanto mais intensificamos e promovemos essas relações entre nós e o ambiente, mais desenvolvida será a consciência sobre as nossas responsabilidades e o cuidado que devemos ter com todas as vidas.”

Michele Martins – Coordenadora do *Programa Meu Ambiente*

Nos últimos tempos, a relação das crianças com a natureza mudou radicalmente. Na mesma medida em que aumentaram informações sobre o aquecimento global e o desmatamento, diminuíram as possibilidades de vivências íntimas com o ambiente natural.

“É provável que uma criança hoje saiba falar sobre a floresta Amazônica, mas não sobre a última vez que explorou alguma mata sozinho ou deitou em um campo ouvindo o vento e observando as nuvens”, escreve Richard Louv, estudioso sobre a importância da conexão entre pessoas e natureza, no livro *A Última Criança na Natureza*.

O afastamento entre ser humano e natureza levou a diversos outros afastamentos, inclusive à desconexão de cada um com o seu eu mais profundo.

Quando o ambiente natural, o rio ou o céu se tornam estrangeiros no nosso cotidiano, nós corremos o risco de não reconhecer o fluxo que nos une à natureza e os presentes ofertados por ela. E se não há reconhecimento, podemos sofrer um embrutecimento na nossa forma de interagir com o ambiente natural e com o nosso semelhante. Corremos o risco de agir como se a natureza fosse desvinculada de nós mesmos.

“Nós desaprendemos de ver na simples Natureza o sumo bem pelo qual nosso espírito anseia.”

Rudolf Steiner

No livro *Vivências com a Natureza*, Joseph Cornell mostra que, ao vivenciar uma experiência verdadeiramente elevada com o ambiente natural, cada pessoa experimentará um sentimento de unidade com a natureza e uma grande empatia por todas as formas de vida. Estudioso do tema, Cornell acredita que as experiências com a natureza se iniciam pelo que ele chama de *Despertar do entusiasmo*. “Sem entusiasmo

você não será capaz de ter uma experiência significativa com a Natureza. Quando falo de entusiasmo, não quero dizer aquela excitação agitada de pular de um lado para o outro, mas de um interesse crescente, intenso, calmo, sutil e alerta”.

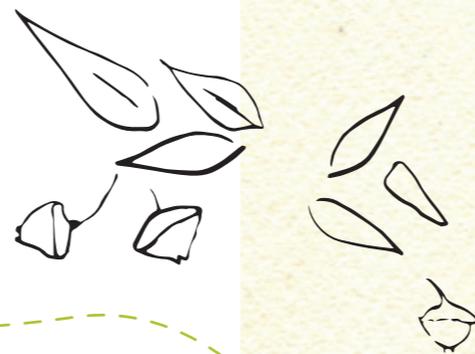
Quando pensamos na natureza, a palavra entusiasmo se irmana à palavra encantamento. Bem dizia o filósofo Sócrates: “A sabedoria começa com o encantamento”. O entusiasmo e o encantamento abrem muitas portas, entre elas a do acolhimento. E, ao acolher, somos também acolhidos por uma força grande demais para ser ignorada. A força que nos cerca em todo lugar e que nos influencia nas pequenas coisas.

Todos os dias escolhemos a roupa para vestir, de acordo com a temperatura; comemos aquilo que a terra nos dá; dormimos na noite escura e acordamos na claridade do dia. Nas cidades, não estamos apenas envoltos em cinza. Por mais que o ser humano tenha se distanciado dos ritmos da natureza, eles insistem em nos rodear.

Ainda temos um rio que corta as cidades e nos lembra da força das águas. Ainda temos uma árvore de estimação no bairro. Temos uma planta no vaso ou um pote de ervas na cozinha. Ainda nos movemos dentro de ritmos que são também nossos, mas que vão além das nossas escolhas: adormecer e acordar, comer e eliminar, inspirar e expirar, plantar e colher.

“Somos filhos da terra. É a mesma vida que flui na sua selva e no nosso sangue. Tudo o que a Terra, nossa mãe, parece experimentar e dizer aos olhos por meio das suas formas, dos seus aspectos, da sua fisionomia, da sua melancolia ou do seu esplendor tem sua ressonância em nós.”

Eidorfe Moreira



Quando o potencial transformador do ambiente natural encontra eco, inicia-se um movimento de pertencimento e de cuidado.

Mas e dentro da nossa possibilidade de escolhas? Enquanto pessoas, pais e educadores, estamos buscando momentos de intimidade com a natureza?

A criança precisa que o adulto crie essas oportunidades, plantando, inicialmente, sementes de curiosidade pela natureza. O *Programa Meu Ambiente* inspira práticas que valorizam o ambiente natural e seu potencial transformador.

Atividades desenvolvidas na floresta inspiram outras tantas a serem vivenciadas no cerrado, num quintal, numa praça, num pátio e até mesmo numa varanda, ao cultivar uma planta no vaso.

Quando o potencial transformador do ambiente natural encontra eco na escola enquanto grupo organizado, na comunidade, na vizinhança, nos indivíduos, inicia-se um movimento de pertencimento e de cuidado, que pode refletir não apenas na preservação do rio que atravessa a cidade, mas também no cuidado com os arredores e com as próprias pessoas.

Na roda de conversa, antes da trilha, a monitora conversa com crianças de 7 anos sobre os

3 segredos para entrar na floresta.

– Um dos segredos é o silêncio: não precisamos só silenciar a boca, mas principalmente o nosso coração.

Com o coração tranquilo podemos enxergar toda a beleza.

Um menino arrisca um palpite sobre qual seria o segundo segredo:

– Amor!
– Não acredito! Acertou! Amor pela floresta, pelos amigos, pela comida que a gente vai comer. Quanto mais amor a gente sente ao entrar na floresta, mais amor a gente recebe dela. – Diz a monitora.
– O terceiro segredo é o cuidado. Cuidado com o quê?
– Com o prego. – Diz um menino e todos caem na risada.¹

E como buscar momentos de encontro com a natureza? A expressão *vivências com a natureza*, ainda que genérica, tem um significado muito específico: ela pressupõe atividades estruturadas para serem desenvolvidas em grupos ou individualmente com o objetivo de ampliar a percepção sensível das pessoas em relação à natureza, o que ajuda na formação de vínculos e no desenvolvimento interno. Podem ser propostos jogos, brincadeiras e dinâmicas que, progressivamente, aproximam as pessoas da natureza.

Além das atividades direcionadas, proporcionar à criança oportunidades para brincar livremente na natureza abre espaço para a criatividade, a imaginação e para a expressão individual, valorizando a singularidade de cada um. Na medida em que cada

¹ Atividade do *Programa Meu Ambiente* durante vivência com crianças no Parque das Neblinas

um ganha espaço para se expressar, ele também tem a oportunidade de ser reconhecido pelo grupo e pelos educadores com um novo olhar.

As vivências com a natureza proporcionam aprendizado pela experiência, que é diferente do aprendizado pelos livros em sala de aula. Elas pressupõem uso do corpo, dos sentidos, de uma percepção cada vez mais sensível do mundo que nos cerca.

Quando um grupo caminha de olhos vendados em fila, um segurando nos ombros do colega da frente, em um ambiente natural, são aguçados sentidos como o tato, o olfato e a audição. A atividade desenvolve ainda atenção e confiança. Assim, as referências sobre aquele ambiente serão outras, serão enriquecidas.

"A natureza inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos. Dada a oportunidade, a criança leva a confusão do mundo para a natureza, lava tudo no riacho e vira do avesso para ver o que há do outro lado."

Richard Louv

Além disso, as atividades em ambiente natural rompem com a estrutura de disciplina, pois o professor de qualquer disciplina pode praticar as vivências para aprimorar o processo de ensino-aprendizado em que ele está envolvido e uma única atividade pode contemplar conhecimentos a serem abrangidos por diversas áreas.

Por exemplo, uma caminhada no bairro da escola pode ser interessante para identificar as espécies de plantas ou árvores encontradas e inspirar uma conversa sobre o respectivo bioma, pode também servir para o desenvolvimento de gráficos que mostram quantos exemplares de cada espécie foram encontrados ao longo do passeio.

Multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar:

Quando várias disciplinas estudam o mesmo objeto, mas sem interações, trata-se de estudo multidisciplinar. Quando há interação e colaboração entre as disciplinas, no estudo do mesmo objeto, trata-se de estudo interdisciplinar. O estudo transdisciplinar se dá quando é possível extrair da colaboração entre as disciplinas um caminho norteador.

Transversal:

"Trabalhar de forma transversal significa buscar a transformação dos conceitos, a explicitação de valores e a inclusão de procedimentos, sempre vinculados à realidade cotidiana da sociedade, de modo que obtenha cidadãos mais participantes. Cada professor, dentro da especificidade de sua área, deve adequar o tratamento dos conteúdos para contemplar o tema Meio Ambiente, assim como os demais Temas Transversais." • *Parâmetros Curriculares Nacionais, Meio Ambiente, 1998*

Trabalhar no próprio quintal ou pátio da escola já modifica bastante a relação do professor com os alunos, a relação do professor com o conhecimento e também dos alunos com o conhecimento, dando vida mais concreta aos conteúdos abordados.

E quais seriam os elementos a levar em consideração ao planejar um *Programa de vivências com a natureza*? Para começar, é interessante observar alguns aspectos: o momento e sensação do mediador que vai conduzir a vivência; as características da área natural onde vai trabalhar; o perfil do grupo. A composição das atividades escolhidas deve privilegiar esses três aspectos.

O mediador se sente entusiasmado e à vontade em relação ao ambiente natural escolhido? O ambiente tem melhor vocação para uma caminhada de observação e reconhecimento ou para uma roda de conversa e leitura? O grupo está calmo para realizar uma atividade de maior concentração ou está agitado e é melhor promover, inicialmente, momentos de movimento e de expressão corporal para depois convidar à concentração?

E agora talvez pudéssemos retornar a uma pergunta que queremos mais próxima da nossa vida cotidiana:

Por que a natureza?

Talvez cada um precise achar essa resposta dentro de si para poder reverberar essa verdade pelo solo que pisa... Todos nós nos tornamos mediadores de experiências com a natureza, na medida em que sentimos a resposta para a pergunta acima palpitando do lado de dentro: na cadência das batidas do coração, na cadência da música da chuva, na cadência do canto do pássaro, na cadência do nado da lontra... somos todos um fluxo só.

Precisamos nos deixar educar para as sensibilidades, precisamos ser solo permeável para as sabedorias que a natureza insiste em semear.

Juliana Coutinho convida as crianças a se sentarem no olho de fogueira, um espaço educativo, que convida à roda de conversa.

Um menino conta uma lenda ligada ao Boitatá.

Juliana conta que o filho dela tinha medo do

Boitatá e pergunta:

– Alguém aqui vai maltratar a floresta?

– Não. – Respondem na roda.

– Então não precisamos ter medo. – Considera a educadora.

– Eu acho que isso não existe. – Fala uma criança.

– Sabem o que existe? Aquilo que a gente acredita dentro do nosso coração. – Diz Juliana.¹

¹ Atividade do *Programa Meu Ambiente* durante vivência com crianças no Parque das Neblinas



UM RIO DE PERCEPÇÕES

A ÁGUA embala as nossas primeiras experiências de vida. A proteção no útero, o conforto do banho, a primeira visita ao mar, uma brincadeira na chuva... uma porção de sensações fortes nos unem a esse líquido vivo.

Quando um astronauta olhou a Terra pela primeira vez lá do espaço, ele ficou maravilhado ao revelar: *A Terra é azul!* Abundância de azuis pela enorme quantidade de água que cobre a superfície do planeta e reflete a luz do sol na atmosfera. A nossa intimidade com a água é tão grande quanto a intimidade que o nosso planeta tem com ela. Mais da metade do corpo humano é composto de água.

Por isso, este líquido vivo permeia a nossa existência. É como se o mapa da vida fosse um mapa das águas. O sangue que corre nas nossas veias é como os rios, com seus pequenos e grandes afluentes, bombeando vida e verdes até as extremidades do planeta-corpo... até onde puder alcançar.



“Como ele sempre dissera: o rio e o coração, o que os une? O rio nunca está feito, como não está o coração. Ambos são sempre nascentes, sempre nascendo.”

Mia Couto

Os ciclos que nos mostram a relação entre água e vida são muitos. Para frutificar, a terra pede água. A floresta transpira água para a atmosfera. A água cai chuva, engorda os rios, rega as plantações. A terra frutifica. Florestas e agricultura estão irmanadas no processo de alimentar o mundo.

Quanto mais esticamos as teias de relações e compreensão sobre a vida, mais percebemos que nossas ações estão ligadas a tudo o que frutifica, que também estamos irmanados aos diferentes ciclos naturais que nos cercam. *“Tudo na natureza é comunicativo e é integrativo”*, diz Antônio Donato Nobre, autor da teoria que relaciona o desmatamento da Amazônia à crise hídrica em São Paulo. Assim, trazer essas reflexões para a vida cotidiana é importante por nos colocar num patamar de pertencimento: cada um como parte ativa do todo.

“Eu venho desse reino generoso, onde os homens que nascem dos seus verdes continuam cativos, esquecidos, e contudo profundamente irmãos das coisas poderosas, permanentes como as águas, o vento e a esperança.”

Thiago de Mello

A natureza nos convida à investigação. Há muitas formas instigantes de refletir sobre qualquer elemento da natureza, entre eles, a água. É possível explorar as diferenças entre o rio da cidade e o rio da floresta ou ainda o percentual da água no planeta e no corpo humano. Pode-se também observar as cores das águas dos rios e a importância da mata ciliar. Ao ar livre, talvez seja possível tocar e ser tocado por um rio com os pés na água; pensar em todos os seres que habitam as águas; investigar de perto a mata ciliar ou a ausência dela.

Um rio sem mata é um rio sem cílios?

- Esse rio é limpo? - pergunta o menino.
- Sabem essa mata? - A monitora Andreia Almeida se refere à mata nas margens do rio.
- Ela protege o rio e deixa ele bem limpinho. E isso nos nossos olhos? - Aponta.
- Como se chama?
- Cílios. - Respondem.
- E como chama a mata que protege o rio?¹

¹ Atividade do Programa Meu Ambiente durante vivência com crianças no Parque das Neblinas



Como fonte fundamental de nossas vidas, a água é um dos elementos que permeia o encontro do ser humano com a natureza. O encantamento das crianças ao tocar a água grande é unânime e faz pensar que tudo o que um rio borbulha no seu interior, ecoa no nosso interior. Há quem beba a água do rio, há quem nade nas suas curvas, há quem brinque na cachoeira. Visitantes ou moradores, adultos, sapos, crianças, lontras, antas...

*"Houve um tempo em que o vento contava segredos...
As águas muito revelavam através dos murmúrios dos rios a correr... A terra exalava vida com intensidade e os seres humanos estavam conectados a tudo isso: sentiam, ouviam, respeitavam e veneravam... Era profunda sua crença nos seres que cuidavam e protegiam as diversas moradas do planeta: a água, o ar, a terra e as florestas..."*

Agenda 21 Escolar – Embu das Artes

Hoje há rios que deixaram de ser fonte de vida. Há quem diga que o rio é a alma da cidade, traduzindo

o interior de seus moradores. Se usarmos o rio das nossas cidades como um espelho, que imagem veremos refletida nas águas?

Qual é o rio mais próximo da sua escola? E da sua casa?
Qual a cor dele? E quais as histórias que contam as suas águas?
Alguém toma banho lá ou já tomou?
Que relações existem entre a escola e o rio que corta a cidade?
De onde vem a água que chega às nossas torneiras?

“É provável que uma criança ingresse na primeira série em uma escola ao lado de um córrego poluído e saia de lá, ao cabo de alguns anos, com o córrego ainda mais poluído. É bem provável que os seus professores atravessem décadas de aulas sem lançar um olhar sequer para além dos muros da escola... A Terra está doente porque nós estamos doentes.”

José Pacheco

As mesmas questões que levantamos sobre a água, assim como as diversas atividades que podemos fazer para investigar sobre as águas que nos cercam cotidianamente, podem também ser ampliadas a outros aspectos da natureza, independentemente da região que se habita.

Se o tema principal de investigação forem as aves, por exemplo, é possível pesquisar os diferentes cantos, as cores, a alimentação, assim como a dispersão das

sementes, o tráfico de aves, os rituais de acasalamento, entre tantos aspectos. Para o poeta é ainda aconselhável investigar o encanto das aves.

*“A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem
Nos encantos de um sabiá.”*

Manoel de Barros

As estratégias escolhidas podem ser várias, como buscar as lendas brasileiras relacionadas às aves, escutar músicas sobre o tema, discutir o conteúdo numa roda, cantar e interpretar... Uma vivência em ambiente natural propicia observar com binóculo as diferentes aves, escutar os pios, observar as sementes, assim como as árvores que podem servir de alimento e morada das aves.





Para começar a abraçar a natureza é importante acolher o mundão que quer entrar pelas nossas janelas, como lembra a professora de Artes e Música Solange Bassini: *"Eu dou aula numa tenda. Ao lado tem uma amoreira. Às vezes temos passarinhos comendo por ali. E todos param e começam a olhar. Aí a gente inclui a árvore na aula"*.

"A natureza está perto da gente sempre."

Otávio, 6 anos – participou do Programa Meu Ambiente

"Onde quer que você vá na natureza existe um lugar especial para você."

Joseph Cornell

Integrar-se à natureza, deixando que ela seja mestra na construção coletiva de novos saberes gera experiências significativas que podem transformar a visão de mundo, para então transformar as nossas ações no mundo.

Num movimento contínuo de busca de conhecimento e exercício da prática, pode-se experimentar o que diz Paulo Freire: *"a teoria sem a prática vira verbalismo, assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade"*.



Para mudar a realidade, ela nos convida primeiro a conhecê-la e a interagir com ela, em constante movimento. Olhar com a parceria da sensibilidade é ousar romper com os discursos viciados. Se a chuva é objeto de reclamação no elevador, se ela “causa enchentes” na cidade, ela precisa também ser recebida como o presente que cai do céu e engorda os rios. Ela precisa ser observada com a janela aberta ou ser sentida na pele numa tarde quente. Quando ela é experimentada e vivenciada com outros sentidos, ousamos questionar: a *chuva* causa a enchente?

“É preciso que se ensine a elas a acolher as gotas da chuva que alimentam a terra e a sentir o frescor do vento; a andar descalças pela terra sentindo a energia que emana da natureza; é preciso que se ensine a gratidão por se viver num planeta tão bonito, e ajudá-las a compreender seu papel na manutenção dessa beleza.”

Daniel Munduruku

Quando a fluidez de dentro combina com o fluxo de fora, num movimento constante de descobrir, praticar novos saberes e transformar, passamos a ser agentes de uma nova realidade, aquela que queremos.

O beija-flor pousa num galho seco na margem da trilha e faz uma cantoria comprida. O silêncio toma conta da plateia. Meninos e meninas param para assistir ao *show* inesperado. – O que ele está cantando? – Quer saber Lorraine, de 7 anos. – Será que é a mesma música que a gente cantou na roda, antes de entrar na floresta? O beija-flor não responde. A plateia continua admirando. Canta, beija-flor, bico escancarado, que a menina vem aí. A menina vem aí. E ela quer fazer um dueto com você.¹

¹ Atividade do Programa *Meu Ambiente* durante vivência com crianças no Parque das Neblinas



SABERES DA TERRA

“Como é bom sentir o abraço da natureza, tocar seu cheiro.”

Sérgio, 7 anos – participou do *Programa Meu Ambiente*

ALIMENTO é uma das felicidades que nos acompanha pela vida, nutrindo o corpo de percepções, sabores, alegrias e saberes. Ele é acolhimento e aconchego. Desde os primeiros momentos, está ligado ao calor e ao afeto da mãe. Aos poucos, ele se consolida como símbolo na construção de memórias. Quem não se lembra do cheirinho de um bolo da infância ou da cremosidade de um pudim feito em casa que só aquela pessoa especial sabia fazer? A parceria de sabor e afeto aparece ao longo da vida sempre de novo, inabalável.

A memória do alimento permanece impregnada em cada um de nós, como conexão e proteção. Seja em almoços em família, num jantar especial ou no cafezinho, o

O corpo é o nosso instrumento para realizar coisas grandes
e merece ser nutrido com alimento de verdade.

alimento exerce um papel de aproximação. E como é parte da nossa natureza comer diariamente, o alimento se renova como fonte de energia, de prazer e de saberes. E neste fazer cotidiano, as paredes das nossas cozinhas acabam guardando muitos segredos: é nas conversas ao pé do fogão que se resolvem conflitos, que se acalenta a alma.

O momento de acolhimento, com o café de recepção, já estava a postos e foi isso o que todos viram ao "dobrar a esquina".

A chapa do fogão à lenha aguardava quentinha: café, leite, achocolatado, pãozinho fresco, manteiga, geleia e... bolo de banana. Um bufê para as crianças se servirem livremente.

- Põe o pãozinho com manteiga na chapa para fazer tchhhh. - Sugeriu a monitora Patrícia Bittencourt.

A animação era geral. Os pequenos se aglomeravam em volta do pote de manteiga.

- Vai logo, Evelin! - Apressou um deles, impaciente, enquanto a colega passava a manteiga no pão.

Mas aquele não era um dia de pressa. Era um dia de tempo. Tempo para cada um usufruir de seu café, tempo

para repetir o pão e o barulhinho da chapa quente, tempo para escolher e para sentir. Sentir as emoções novas que a floresta ainda iria despertar.¹

A alimentação abrange muitos saberes. O ato de pegar uma colher com as mãos pequenas, capturar o alimento e levá-lo à boca sem ajuda é uma das primeiras conquistas da autonomia. Mais tarde, apodera-se da autonomia de esquentar o próprio pãozinho na chapa aquecida pelo fogão a lenha e de escolher as quantidades e os alimentos que se coloca no prato.

Aos poucos, chega também o prazer de misturar e experimentar cada ingrediente com o paladar e com as mãos: abrir um ovo e separar a clara da gema, mergulhar as mãos no pacote de farinha, presenciar os mistérios da transformação. Como escreve o educador e poeta Rubem Alves: "Pois eu digo que os primeiros químicos foram os cozinheiros! A cozinha é um laboratório onde o fogo separa as coisas que estão juntas e ajunta as coisas que estão separadas".

É nos pequenos desafios e descobertas compartilhadas no cotidiano que se pode experimentar muitos aspectos da autonomia. Como diz o educador José Pacheco, não existe autonomia no isolamento, mas ela se mostra como produto da relação. "É, essencialmente, com os pais e os professores que a criança encontra os limites de um controle que lhe permite progredir numa autonomia, que é liberdade de experiência e de expressão dentro de um sistema de relações e de trocas sociais."

¹ Atividade do Programa Meu Ambiente durante vivência com crianças no Parque das Neblinas

Autonomia para se alimentar, para vestir as meias, para cuidar do próprio casaco, amarrando-o na cintura, ao invés de recorrer sempre ao adulto para segurar aquilo que lhe pertence. As pequenas coisas se desdobram em grandes. Ao experimentar o caminho para a autonomia desde a infância, esse caminho se fortalece e ganha corpo. E ao longo da vida, cada um vai precisar ter esse caminho bem delineado porque ele será visitado sempre.

"Nossa mais elevada tarefa deve ser a de formar seres humanos livres que sejam capazes de, por si mesmos, encontrar propósito e direção para suas vidas."

Rudolf Steiner

Além de propiciar o exercício da autonomia, alimentar-se é um exercício de sensibilização. Por isso, é importante valorizar produtos nativos, produtores locais, comida que nasce no nosso chão e vai direto para a cozinha... escolher a comida que vai dar energia boa para viver. Observar a fruta no pé, colher a fruta ou mesmo ver o crescimento de qualquer alimento gera a sensação de pertencimento: todos somos corpo e fazemos parte de um mesmo ciclo.

O corpo é o nosso instrumento para realizar coisas grandes e merece ser nutrido com alimento de verdade. Quando sabemos de onde vêm os ingredientes e preparamos uma receita com as próprias mãos, a relação com o alimento é mais próxima, há uma noção mais rica de que pertencemos a uma engrenagem comum de saúde e equilíbrio. A saúde do corpo e a saúde da natureza estão interligadas.



O alimento conta sobre a história de um povo, seu clima, sua terra.

"Tudo o que eu faço de bom para mim está sendo bom para a natureza e para o meio ambiente. (...) Comer orgânicos faz bem para o corpo, faz bem para os rios, faz bem para a terra, faz bem para os animais."

Daniel Becker

Assim como o alimento é uma porta de entrada para conhecermos o nosso próprio chão, ele também pode ser uma porta de entrada para outras culturas. Quantas vezes voltamos de viagens contando sobre os novos sabores experimentados e o nosso discurso passa a ser testemunha de uma mistura de paisagens e culinária e cultura? O alimento conta sobre a história de um povo, seu clima, sua terra.

Sair de casa, seja para um restaurante ou para outro país, é uma oportunidade de experimentar o novo. Experimentar alimentos do local, que crescem ali naquele chão, e podem contar sobre a relação de um povo com a terra. Ou, ainda, experimentar algo diferente daquilo que se oferece em casa no cotidiano.

E isso tudo pode também ser explorado numa vivência na cozinha. Todos podem ser envolvidos no processo. Se na casa de uma criança há muito cambuci, fruta nativa da Mata Atlântica, por que não trazer a fruta para a escola e fazer um suco em conjunto com os colegas, valorizando a fruta local, que dá no quintal? O valor nutricional da fruta, a importância do bioma e muitos outros saberes podem emergir dessa prática.

Na trilha, a monitora mostra as frutinhas no pé da juçara e pergunta:

– Quem tomou aquele suquinho roxo no nosso café da manhã? É desta planta aqui!¹

Se podemos despertar a curiosidade e o entusiasmo da criança para uma vivência na natureza, ela também pode ser estimulada para uma vivência do paladar. Afinal, alimento e natureza fazem parte de um mesmo ciclo. Antes de visitar o *Parque das Neblinas* com as crianças, a professora de Educação Infantil, Vanessa Dias fez com seus alunos o plantio de sementes de juçara, palmeira nativa da Mata Atlântica.

Quando as crianças chegaram ao *Parque*, viram as palmeiras grandes de juçara e ficaram muito animadas. O suco que aguardava prontinho na jarra ganhou novo significado e sabor. "Eles entenderam que da árvore que eles mesmos plantaram é que virá a fruta e o suco. Ficaram felicíssimos", conta a professora.

A relação mais próxima entre aquilo que é servido à mesa e o processo que o alimento precisou percorrer até chegar lá, traz um novo olhar sobre o que consumimos, um olhar de empatia e de cuidado. Quanto tempo demorou para esse grão de arroz crescer e chegar ao nosso prato? Quanto sol e quanta chuva alimentaram esse crescimento? Quantas pessoas trabalharam para que isso acontecesse?

"(...) nas coisas mínimas sempre também se refletem as máximas."

Abdruschin

¹ Atividade do Programa Meu Ambiente durante vivência com crianças no Parque das Neblinas

Esse tipo de reflexão leva à conscientização dos diversos processos, desde a chegada do alimento à mesa até o descarte das sobras. Isso pode incluir o uso dos ingredientes sem desperdício, o aproveitamento das diversas partes de um alimento, as quantidades e como medi-las, o custo de uma receita, entre tantos outros.

Trazer a criança para mais perto da mesa é convidá-la para uma proximidade com a vida. Antes do almoço, em atividade do *Programa Meu Ambiente no Parque das Neblinas*, a monitora convida as crianças para um agradecimento: “*Terra que esses frutos deu. Sol que os amadureceu. Nobre Terra, nobre Sol. Jamais nos esqueceremos e à natureza agradecemos*”.

Para além das portas da cozinha, com ou sem um quintal, é possível ampliar essa aproximação.

- Que tal fazer uma horta?
- Ou uma floreira com ervas?
- Que tal fazer uma composteira ou montar um minhocário?
- Que tal incluir a criança nos processos que envolvem a alimentação: desde a compra no mercado até a forma de lidar com as sobras?
- Que tal pesquisar os produtos e produtores da sua região e visitar o produtor de orgânicos mais próximo?
- Que tal pesquisar quais alimentos crescem no seu bioma?

Carla Pernambuco, *chef* de cozinha, conta que o seu trabalho parte da ideia de que o alimento é a fonte primordial da vida. Como escreve no livro *Cuidados com a vida*, seu objetivo é evitar “*consumo inconsciente e ações ambientalmente predatórias*”. Buscar produtos orgânicos, evitar perdas, aproveitar as diversas partes de um alimento, cuidar da nutrição estão entre as atitudes que ela preza cotidianamente.



“Eles jogam uma sementinha dentro da gente e a gente vai florindo.”

Vanda de Souza, proprietária da *Natural da Mata*, empresa responsável pela alimentação no *Parque das Neblinas*, referindo-se à sua relação com a equipe do Ecofuturo

Em atividade do *Programa Meu Ambiente*, Renata Ronchi, integrante da equipe da empresa *Natural da Mata*, sobe os degraus ao encontro das crianças, pulando de dois em dois. Ali em cima ela mostra algumas floreiras com ervas. Ao cheirarem, as crianças tentam adivinhar que ervas são aquelas. O aspecto da folhagem de duas outras plantas, que crescem em saquinhos, intriga a meninada. O que será?

O tabuleiro do bolo recém-assado chega à mesa.

– Tia, você caprichou no bolo! – Elogia um dos meninos.

Renata Ronchi pergunta:

– O que tem nesse bolo pra ele ficar dessa corzinha?

– Banana. – Diz um.

– Granola. – Diz outro.

– Chocolate. – Arrisca a terceira.

Até que Renata revela o segredo:

– Casca de banana!

– Eca! – Reclama um deles.

– Mas não está gostoso? – Ela pergunta.

– Está. – Respondem em coro.¹

Nas escolhas que fazemos, ao longo da vida, de que estamos nos alimentando? Estamos nos lembrando de prezar os processos que começam com a semente e nutrem a vida? Sentimos que pertencemos ao mesmo ciclo das abelhas que polinizam, dos pássaros dispersores de sementes, da terra que se alimenta das folhas secas? Prestamos atenção no que consumimos? Tudo o que consumimos é alimento: aquilo que comemos, aquilo a que assistimos, aquilo que lemos, aquilo que sentimos e cultivamos, aquilo que deixamos entrar pela porta das nossas casas.

“Uma espécie de silêncio envolve o gosto. Diante do prato, estamos à escuta. Um segredo da Terra se revela em nossa boca e se faz reconhecimento. O paladar toma a vastidão de uma paisagem, e então compreendemos que já estivemos ali.”

Reni Adriano

¹ Atividade do *Programa Meu Ambiente* durante vivência com crianças no *Parque das Neblinas*



A COR DA PALAVRA

DESENHANDO em palavras, imagens, sons, gestos, instalações ou esculturas, cada um condensa numa forma aquilo que sente. Sentir é o que mais acontece nas vivências com a natureza. E tudo isso merece ganhar o mundo em forma de expressão. Tendo a natureza como mestra, somos convidados a explorar a nossa sensibilidade de artista.

A natureza desperta os sentidos porque ali corre vida, ocorre imprevisto e tudo é surpresa. As lagartas deixam dentadas nas folhas assim como a anta deixa pegadas no chão. Impossível ignorar seus rastros.

Assim, o ambiente natural convida a um grau poético aguçado porque o espanto é ímã para a poesia. E a criança que habita cada um fica espantada facilmente diante da grandiosidade das percepções.

"(...) a realidade não é apenas o que o olho vê e não somente o que o ouvido escuta e o que a mão pode tocar, mas também o que se esconde do olho e do toque dos dedos e se revela às vezes, só por um momento, para quem procura com os olhos do espírito e para quem sabe ficar atento e ouvir com os ouvidos da alma e tocar com os dedos do pensamento."

Amós Oz

Entrar numa trilha na natureza é despertar para um amplo universo de sensações.

A monitora pode convidar:

— Vamos olhar as folhas com a lupa? Somos exploradores da floresta!

A cada passo, uma exclamação.

— Nossa, olha isso aqui! – Diz uma das crianças, apontando para o musgo.

— Eu vou virar o tarzã! – Anuncia o menino ao ver o cipó.

— Sabe o que é isso? – Pergunta a monitora. – São as raízes das plantas. Por isso a gente não pode puxar e arrebentar.

Ao tocar a árvore, a menina diz:

— Olha o pelinho dela.

E assim cresce uma relação de espanto e beleza. Tanto a arte quanto a natureza provocam um bem-estar interno, capaz de reequilibrar a nossa humanidade. E quando unimos literatura, expressão artística e natureza, temos um encontro potente de saberes poéticos.

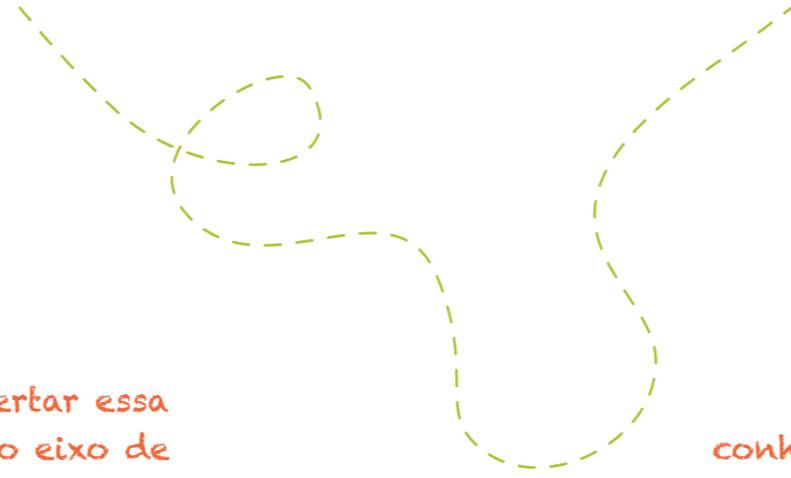
"Não importa o nome pelo qual se possa chamá-la: vitalismo, naturismo, terra-mãe, existe uma indubitável ligação entre uma sensibilidade ecológica e uma ecologia do espírito, do qual a intuição é um dos aspectos mais evidentes."

Michel Maffesoli



Emoções e sensações permeiam a experiência de aprender e estendem uma ponte para o conhecimento intelectual. Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), um dos maiores poetas da língua alemã, realizou extensas pesquisas sobre temas científicos e chegou à conclusão de que arte e natureza estão sujeitas às mesmas leis e não podem ser separadas em dois mundos.

O poeta propunha integrar o olhar artístico ao científico e captar a essência da natureza ao invés de explicá-la. Numa aproximação entre ser humano e natureza, o intelecto não poderia crescer feito barreira impeditiva de um encontro criativo e significativo.



“Eu senti que a gente precisava despertar essa sensibilidade nas crianças. Acho que o eixo de ciências naturais vai além de ensinar o que é raiz e o que é caule. Mas abrange esse olhar atento, essa introspecção para ouvir o canto do pássaro, ter cuidado com a formiga, sabendo que cada um é parte da natureza.”

Alciana Gregório, professora de Educação Infantil

A observação e o olhar atentos captam muitas impressões que podem depois transbordar em expressões. A expressão artística pode ser parceira das mais diferentes áreas do conhecimento. A sua riqueza está em traduzir os anseios humanos e em dar corpo àquilo que foi vivenciado, proporcionando novos entendimentos.

Quando uma criança desenha após uma vivência na natureza, muito pode ser compreendido sobre a relevância da experiência. Há quem pinte os vários tons de verde, há quem pinte o fogão à lenha, há também a explosão de cores que traduz alegria.

Incluir a expressão pela arte é convidar para um espaço de liberdade, um caminho que leva ao desenvolvimento pessoal, social e cultural. Ela abrange aspectos lúdicos porque avança por territórios desconhecidos da razão. A importância dos dedos que emergem da tinta e circulam por uma folha em branco vão muito além do resultado visual que a folha manchada poderá carregar, assim como a brincadeira com palavras na poesia vai muito além das rimas criadas.

“A expressão lúdica tem a capacidade de unir o conhecimento e o sonho. Quando ativada, caracteriza-se por uma intensificação de vida, propiciando a criação. A sua manifestação, entretanto, somente é possível quando acompanhada por dois componentes essenciais: a liberdade e a sinceridade.”

Paulo de Tarso Cheida Sans

Fazer arte na natureza é uma delícia. Além de manifestar a riqueza de impressões que o entorno causa, é possível aproveitar elementos da própria natureza, como folhas secas, sementes e gravetos, ou ainda usufruir das variáveis: luzes e sombras, inverno ou verão, clima seco ou úmido, diferentes paisagens.

Em uma vivência com as crianças no *Parque das Neblinas*, a professora de Educação Infantil Vanessa Dias trouxe potes para coletar diversas amostras do solo: nas trilhas, na prainha, no fundo do rio. Na escola, ela examinou com as crianças a textura dos solos, o cheiro, as cores, a umidade e fizeram uma roda de conversa.

Mostrou para eles as tintas industrializadas e propôs o desafio de fazerem arte com tinta natural, tinta de terra. Elaboraram misturas e pintaram no pátio da escola. Descobriram que, além da tinta, também existe *massinha da natureza*, ao usarem argila. A experiência foi compartilhada com outros educadores e alunos de pedagogia da universidade próxima.

Muitas dinâmicas podem ser elaboradas, como a coleta de elementos da natureza para a montagem de painéis, a pintura em tecidos diferentes, brincadeiras com expressão corporal, brincadeiras com caixas de papelão de diversos tamanhos e carvão, entre outras.

Entre tantas artes, literatura combina com natureza. Começa pelo livro, que é feito de papel...

Ao se sujar, a criança comprova que explorou possibilidades, lidou com as fronteiras e os limites do corpo, experimentou texturas novas, pintou o 7. Qual a graça de uma criança que volta da escola sempre limpinha?

"Eu queria tomar as coisas do jardim para, com elas, reconstruir uma saudade. Usar as cores, os gostos, os perfumes, os sons, as sensações táteis como pontes para voltar a algum lugar do passado, que mora dentro de mim."

Rubem Alves

Existem muitas formas de manifestação, que são particulares e traduzem um conjunto de emoções e sentimentos. A expressão não recebe nota, nem certo ou errado. Todas as formas de exteriorização merecem ser respeitadas, estimuladas e valorizadas.

Cada um tem uma forma de se expressar no mundo que traduz a sua individualidade e faz parte do processo individual de construção de conhecimentos.

Ter um espaço de expressão após uma vivência significativa, por exemplo, uma vivência na natureza, é importante para dar vazão ao que pulsa por dentro. Pode-se aproveitar a vivência para criar algo poético, bonito e inspiracional, fazendo com que as percepções não fujam da memória e sejam compartilhadas.

- Recorte e colagem?
- Registro de sentimentos despertados na floresta?
- Uma peça de teatro?
- Pintar com os dedos?

- Escrever um haicai?
- Montar uma coreografia para dança?
- Fazer um arranjo musical?

"É no contato com a natureza que despertamos nossa consciência socioambiental e por meio da leitura acessamos conhecimento e desenvolvemos nossa imaginação. Ao conectarmos a criança com a natureza e o conhecimento, estamos construindo as bases para a formação de cidadãos conscientes, responsáveis e para a construção de um futuro mais sustentável."

Marcela Porto, superintendente do *Ecofuturo*

Entre tantas artes, literatura combina com natureza. Começa pelo livro, que é feito de papel e continua pela poética que permeia palavras e ambientes naturais, ampliando as possibilidades da imaginação. O livro é veículo de uma literatura que, ao longo da vida, poderá exercer muitos papéis: poderá ser bússola, conhecimento, prazer, abrigo, viagem... Literatura é espaço de liberdade, assim como a natureza também é.

Enquanto a monitora lê em voz alta numa roda na floresta, muita coisa acontece: Leitura da natureza? Leitura do livro? Leitura do eu? Há quem se sinta inspirado para aventurar-se em novas escritas e em novas artes. E as expressões se misturam e se integram.

Partindo do interesse pelos pássaros que visitavam a escola, os alunos da Solange Bassini, professora de Artes e Música, fizeram uma orquestra de pássaros, ao experimentarem os sons com o corpo e com a boca. Escolheram os tucanos para pintar em algodão cru. *“Eles gostaram de trabalhar com esse suporte, muitos nunca tinham trabalhado com tinta em tecido”*, conta. Escolheram, então, a letra da música “Passaredo”, de Francis Hime e Chico Buarque, e montaram uma coreografia com expressão corporal e arranjo musical com tambores para uma apresentação.

A palavra escrita, a palavra cantada, a palavra falada, a voz do corpo e a voz dos instrumentos entram em comunhão com a voz da natureza, consolidando a expressão de cada criança, que ganha conjunto e corpo na expressão coletiva.

*“jardim da minha amiga
todo mundo feliz
até a formiga”*

Paulo Leminski

O importante é lembrar que, independentemente do lugar e do tempo, viajar por novos cenários da literatura e da natureza é enriquecer conhecimentos, ideias e imaginações. O que é lido, fica guardado, como é indicado no *Caderno do professor, Orientações para a escrita, do Ecofuturo*: *“E quantas vezes essas frases inspiradas que atingem a alma das pessoas ficam à espera de um momento certo para germinar em mensagens pessoais, individuais? Elas funcionam como faíscas para a criação”*.



Literatura, arte e natureza estão unidas por um fio de beleza.

“As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos.”

Rubem Alves

Expressar o entusiasmo pela leitura é fator importante na atuação do mediador da leitura, aquele que faz a ponte entre o livro e a criança. Sua tarefa não é necessariamente a de interpretar aquilo que está sendo lido, mas principalmente de escutar atentamente, dando voz a quem está absorvendo aquele novo universo. Pode ser que metáforas incríveis morem na boca das crianças porque para elas aquilo é uma verdade genuína, que ainda não recebeu o nome de figura de linguagem.

Talvez por isso Manoel de Barros dizia: *“Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos”*. Passarinhos estão mais próximos de gente pequena do que de gente grande. Ambos sabem melhor sobre o voo do que os adultos.

Qual é a sua voz na literatura? A sua metáfora? Os seus gostos? A sua expressão única?

“... por dentro, minha cabeça estava cheia de livros, de sonhos e de poemas que zumbiam em mim como abelhas.”

Pablo Neruda

Literatura, arte e natureza estão unidas por um fio de beleza. Como escreve Roselis von Sass: *“A sinfonia de cores dos arbustos floridos e das flores entusiasmava*

sua alma de artista, e ela, como já tantas vezes acontecera, pensava que as obras de arte da natureza eram inimitáveis”.

Um fio de beleza, que permite a liberdade de expressão, revelando a voz particular de cada um. Um fio de beleza, que tem a natureza como mestra e, a partir dela, é capaz de transbordar em experiência significativa para o coletivo e transformar a forma de ver e de agir de uma comunidade.

“A necessidade que a psique tem de beleza é fundamental. Todos os povos têm práticas de embelezamento: o realce de seus corpos, seus utensílios, seus movimentos na dança, sua fala na poesia e na música. Quando a satisfação do impulso da beleza está localizada na natureza e a natureza é ameaçada de destruição, o ser humano sente uma perda da alma.”

James Hillman



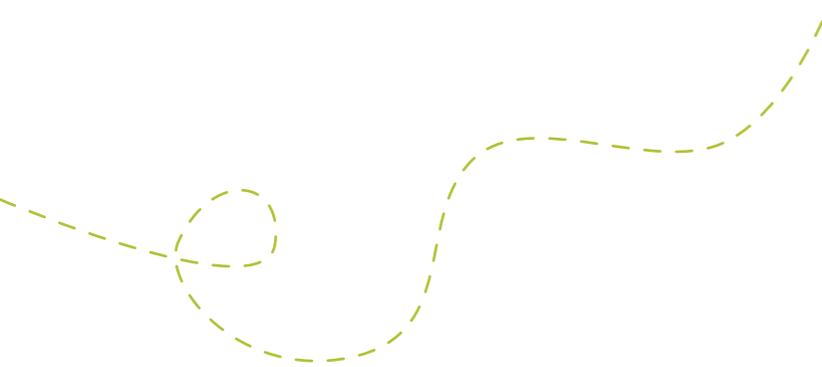
CONVITE AO VOO

*"Como é bom abraçar e saber que somos um só,
natureza e menino."*

Pedro, 7 anos, participou do *Programa Meu Ambiente*

NA ESTRADINHA que sai do *Parque das Neblinas*, as flores brancas do lírio-do-brejo se despedem pelo aroma. Leio a frase de Manoel de Barros, em destaque no painel de madeira: *"Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós"*.

Seriam as palavras suficientes para descortinar todas as nuances do encantamento? Quais os impactos de um encantamento na natureza? Ao trabalhar por vários anos com vivências na natureza, o *Programa Meu Ambiente* e seus participantes descobriram uma coisa: a natureza transforma!



Inspiramos e, a cada vez que expiramos, devolvemos para fora algo de nós mesmos. Inspiramos saberes e, ao ficarmos enriquecidos por um novo olhar, precisamos compartilhar e estender uma rede para que essas percepções continuem nutrindo, mobilizando aptidões e ações transformadoras.

“O aprendizado da vida deve dar consciência de que ‘a verdadeira vida’, para usar a expressão de Rimbaud, não está tanto nas necessidades utilitárias – às quais ninguém consegue escapar –, mas na plenitude de si e na qualidade poética da existência, porque viver exige, de cada um, lucidez e compreensão ao mesmo tempo, e, mais amplamente, a mobilização de todas as aptidões humanas.”

Edgar Morin

Alciana Gregório, professora do Infantil IV, conta que as vivências na natureza têm impacto no olhar da criança: *“As crianças, que antes matavam, agora pegam os bichinhos com uma folha para devolver para a natureza”*.

Thaís da Silva, professora do Ensino Fundamental, diz que, para muitas crianças, a natureza era um conceito limitado a áreas já urbanizadas. *“Durante a vivência no Parque das Neblinas houve uma explosão de amplitude, de liberdade.”* Segundo a professora, a experiência superou as expectativas dos alunos.

“Foi muito bacana a reação dos pais ao ver como as crianças voltaram empolgadas. Tinha uma menininha que me abraçava e dizia: Obrigada professora, obrigada professora, obrigada professora!”

Thaís da Silva contando sobre o impacto da vivência no *Parque das Neblinas*

Ter a natureza como educadora é alicerce para construir transformação. Na medida em que educadores, crianças e famílias vão se transformando, não existe mais um movimento individual, mas todos são estimulados a se colocarem no mundo de forma mais ativa, crítica para contribuir coletivamente com questões que extrapolam as do ambiente particular ou escolar.

O que muda do lado de dentro, transparece do lado de fora. Nasce a pergunta: Podemos transformar aquilo que incomoda – do lado de dentro e do lado de fora da escola? Muitos participantes do *Meu Ambiente* já deram vida a ideias inspiradoras e desejosas de multiplicação:

- Plantio de árvores frutíferas no entorno da escola para atrair pássaros;
- Plantio de mudas para recompor a mata ciliar do rio mais próximo;
- Criação de página nas redes sociais para falar sobre a preservação ambiental;
- Gravação de vídeo com os sons dos pássaros da região;
- Construção de sala sensorial na escola com monitoria de alunos, compartilhando experiências da floresta com toda a comunidade escolar;
- Criação de *blog* sobre a observação de aves e suas características;
- ...

"O que nós temos de perceber é que a qualidade de vida não vem das distrações, e sim de fazer coisas. Não se trata de se distrair na vida, e sim de vivê-la. Isso pode vir de uma comunidade mais forte, de aprender coisas novas, de manter relações com as pessoas, de ter laços mais fortes dentro da sociedade", sugere Paul Gilding, ambientalista e escritor australiano.

Unir vontades e participar socialmente é uma forma de expressar crenças, defender ideias e contribuir para um propósito comum. Essa participação só terá consistência se o objeto do debate tiver importância, se ele estiver ancorado numa experiência significativa.

"Do céu, possivelmente na mesma altura por onde agora voavam os pássaros, eu sabia, por experiência própria, o que enxergava. E mais acima ainda, onde os aviões passavam, eu tinha visto na véspera, sem começo nem fim, coberta de verde, recortada de curvas submergindo nas águas dispersas, a imensa planície. Verde! Milhares de tons de verdes: verde-cinza, verde-mar, verde-mata, verde-chão, verde-terra, verde-barro, verde-curva, verde-reta, verde-plano, verde-margem, verde-campo, verde-capim, verde-azul, verde-luz (...). Principalmente: verde distância..."

Benedito Monteiro



O que importa é aprender a ser sendo, rompendo os limites das paredes...

Há quem pense que as ações de consistência, de substância, estão distantes da vida cotidiana. Por vezes, focamos num objetivo grande e esperamos que ele chegue para, na sequência, podermos ser e agir da maneira desejada. Mas colocar as ações de substância em um pedestal faz delas algo inatingível, ao passo que nas pequenas ações há algo de consistente e... muitas pequenas ações juntas constroem uma realidade grandiosa.

Assim, a proteção do rio, alma de uma cidade, pode começar na pequena e singular oportunidade de brincar livremente, por uma tarde, na beira de uma cachoeira limpa. O desperdício de alimentos diminui quando cada membro da família coloca no carrinho de compras e no prato apenas aquilo que vai consumir. A pilha de lixo do mundo diminui quando, na nossa atuação diária, aprendemos a lidar com os resíduos que produzimos. As ações, que começam com substância do lado de dentro, transbordam para o lado de fora.

Não é com teorias distantes sobre as coisas que não conhecemos que nos sensibilizamos ou aprendemos a ser. Não é preciso morar num parque, numa área de proteção ambiental, ou ainda fazer uma viagem para áreas de floresta para cultivar a relação com a natureza. É vivenciando com o que tem mais pertinho que isso acontece. A árvore da praça ou o pedacinho de céu que vemos pela janela são formas de união com a natureza.

O que importa é aprender a ser sendo, rompendo os limites das paredes, experimentando na labuta, no corpo a corpo com o cotidiano que nos cerca. *"Educação não se faz só dentro de quatro paredes de forma engessada. Sempre que posso tiro as crianças da sala de aula, vamos para a praça da igreja, para o parque, vamos brincar no bosque"*, diz Vanessa Dias, professora de Educação Infantil. Experimentar a vida do lado de fora pode mudar a forma de sentir a vida do lado de dentro.

**"A natureza vai permanecer linda se fizermos o nosso papel.
O nosso papel é saber que somos parte dela."**

Alciana Gregório, professora do Infantil IV, referindo-se ao trabalho realizado no Programa Meu Ambiente

A natureza ensina sobre a transformação e o tempo das coisas. Em cada época do ano, há uma lição a aprender. Nos meses que encerram o ano, as lagartas ou taturanas estão por toda parte. Quando tocadas, algumas espécies queimam e, ao caminhar pelas trilhas, a monitora Juliana Coutinho convida: *"Agradeçam às lagartas. Logo virão as borboletas"*.

Há momentos que desejam a curiosidade e a tolerância. Assim revela a convivência com as lagartas. Há momentos que desejam um forte trabalho interno, como a fase do casulo, em que se molda a borboleta. E há os momentos que desejam a explosão do voo, a expressão daquilo que somos, momentos de ser borboleta.

É preciso respeitar o tempo das coisas e os processos de transformação, mas é imprescindível voar. Paulo Freire convoca: *"É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo..."*

Esse livro é um convite para esperançarmos juntos! Você vem?





ISBN 978-85-60833-26-9



9 788560 833269